

## SUPER ESPORTES

www.df.superesportes.com.br - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176

## » MEMÓRIA DO TÉCNICO

Naquela época, a gente não ficava à beira do tatame, como é hoje. Era afastado. Havia um monte de atleta atrás de mim. A gente gritava, mas eu não sei se o Rogério Sampaio escutava. A sensação de ganhar não foi instantânea. Nós sentamos na Vila Olímpica, ele com a medalha pendurada no pescoço e com fome. Na véspera da pesagem não podia comer. Imagine uma vara pau daquele pesando 65kg. Ele morria. Era mal humorado na véspera da luta e antes da pesagem. Patada para todo lado (risos). Depois é que veio desfile em carro aberto...

Paulo Wanderley, técnico de Rogério Sampaio no ouro e atual presidente do COB

ENTREVISTA  
ROGÉRIO SAMPAIO

Há 30 anos, em 1º de agosto de 1992, judoca transformava o Brasil em pátria de quimono com conquista nos Jogos de Barcelona. Atleta conta detalhes do pódio que impulsionou modalidade

# O ouro que a infância sonhou

Miriam Jeske/COB



## » A SAGA DOURADA

As 5 vitórias de Rogério Sampaio

Ippon - Augusto Almeida (Portugal)  
Ippon - Kim Sang-mun (Coreia do Sul)  
Ippon - Francisco Morales (Argentina)  
Pontos - Udo Quellmalz (Alemanha)  
Wazari - Jozsef Csak (Hungria)

por pontos, com larga vantagem, e continuava atacando.

## Isso é arriscado?

A competição dos Jogos Olímpicos não permite erros. Às vezes, você pode ser o melhor do mundo, mas se cometer um erro fica distante da medalha. O Paulo passava tranquilidade. Dizia para eu ter calma. Isso, de certa maneira, foi importante para manter o equilíbrio nos momentos difíceis.

**O Brasil ganhou ouro no judô, no vôlei masculino e bronze na natação com Gustavo Borges. O desempenho em Barcelona-1992 mudou a sua vida?**

Algo que qualquer pessoa busca é reconhecimento. Isso, veio muito cedo. Conquistei uma medalha olímpica de ouro aos 25 anos. A dificuldade continua a mesma, mas, naquela época, o esporte olímpico brasileiro nem sempre trazia ouro. Isso facilitou a sequência da minha vida profissional. Primeiro como atleta, depois treinador e, agora, gestor esportivo. Abre portas até hoje.

**O seu triunfo consolidou a mudança no patamar do judô?**

O judô já tinha um grande número de praticantes em 1992. Mesmo antes do ouro do Aurélio Miguel (-95kg), em Seul-1988, a modalidade sempre se preocupou em ser utilizada como instrumento educacional. As academias tinham um bom número de alunos. A conquista do Aurélio na Coreia do Sul abriu o judô brasileiro a se tornar uma das principais modalidades do país em termos de conquistas. Deu ênfase educacional. Quando veio a minha, o número de praticantes estourou de vez. Fico extremamente feliz por contribuir com isso.

**Faltam menos de dois anos para os Jogos de Paris-2024. Quem antes era cobrado por resultado, agora cobra. Você é diretor geral do COB. O que esperar do judô?**

Tem condições de fazer um bom papel. Paris-2024 vai ser tão desafiador quanto os Jogos de Tóquio-2020. O Japão, a maior força nesse esporte no mundo, nós sabíamos que limparia o quadro de medalhas. A França é a segunda potência mundial. Eles também farão um trabalho nesse sentido.

**Foram dois bronzes na casa do Japão. O que esperar na França?**

O judô brasileiro conseguiu passar pelo momento difícil, faz hoje um trabalho de boa qualidade na transição. A gente vê alguns jovens atletas surgindo. Estou muito confiante em um grande desempenho em Paris. Não sei se nós teremos medalha de ouro, há expectativa, mas entendemos que um bom número de medalhas é um bom indicativo para a modalidade.

**\*O repórter viajou a convite do Comitê Olímpico do Brasil (COB)**

MARCOS PAULO LIMA  
Enviado especial

**S**ão Paulo — O quimono, a faixa preta e os pés descalços sobre o tatame deram lugar ao traje social. Aos 54 anos, Rogério Sampaio Cardoso caminha imponente entre dirigentes e atletas na Casa Itaim, Zona Oeste da capital paulista, na última terça-feira, no evento que abriu a contagem de dois anos para os Jogos de Paris-2024. Trinta anos após levar o Brasil ao ouro na categoria meio-leve (-65kg) do judô em Barcelona-1992, ele continua fazendo parte da indústria de medalhas do esporte nacional. Depois da experiência como professor e técnico, virou gestor. É diretor-geral do Comitê Olímpico do Brasil (COB). Um dos fiéis escudeiros do presidente da entidade, Paulo Wanderley. O dirigente era o técnico dele na conquista de 1º de agosto de 1992 nos cinco combates que culminaram com o triunfo diante do húngaro Jozsef Csak. A luta de 1 minuto e 36 segundos mudou para sempre a vida do atleta eternizado no Hall da Fama. Em entrevista exclusiva ao *Correio*, o judoca admite que o triunfo consolidou uma revolução na modalidade e projeta o sucesso do Brasil daqui a dois anos, na França — a segunda maior potência do judô.

**Há três décadas, você conquistava no judô a única medalha individual do Brasil nos Jogos de Barcelona-1992. Quais são as recordações daquele dia?**

São 30 anos, mas parece que foi ontem. As lembranças que eu tenho daquele 1º de agosto de 1992 estão muito vivas. Um dia glorioso. Corrou a minha carreira. Eu sinto saudade. Coloquei para fora 100% de tudo aquilo que eu treinei.

**Estava consumado o que a infância sonhou?**

Eu comecei a fazer judô com

*“Em Barcelona, estava com 25 anos usando 100% do meu potencial técnico, físico e emocional. Lutei de igual para igual com os melhores do mundo e conquistei o oitavo ouro do esporte olímpico brasileiro”*

quatro anos e meio. Ali em Barcelona, eu estava com 25 usando 100% do meu potencial técnico, físico e emocional. Lutei de igual para igual com os melhores do mundo e conquistei a oitava medalha de ouro na história do esporte brasileiro.

**O presidente do Comitê Olímpico do Brasil (COB), Paulo Wanderley, era o seu técnico em Barcelona. Até que ponto ele influenciou?**

Eu sempre tive a orientação dele desde o início da minha carreira. A minha primeira competição foi o Campeonato Pan-Americano Júnior, na Cidade do México, em 1985. Meu treinador era o Paulo. Depois, estivemos juntos no Mundial Júnior, em 1986, em outros diversos torneios internacionais ao longo dos anos e nos meus principais títulos: a medalha olímpica de ouro em 1992 e o bronze no Campeonato Mundial de 1993.

**Eram tempos difíceis para o esporte brasileiro...**

No Mundial, a gente ainda construiu uma tradição de conquistas

no judô. Eu havia mudado de categoria (do meio-leve para leve). Antes de mim, somente três atletas brasileiros conquistaram medalha em campeonatos mundiais. O Chiaki Ishii (-93kg) em 1971, o Walter Carmona (-86kg) em 1979; o Aurélio Miguel (-95kg) em 1987; e eu (leve), em 1993. Hoje, temos mais de 50 medalhas em campeonatos mundiais.

**Ao contrário de hoje, o técnico era praticamente mais um no meio da torcida, em 1992.**

O professor Paulo Wanderley sempre esteve muito próximo. Agregava muito treinamento. Mas, naquela época, o treinador, diferentemente de hoje, não sentava naquela cadeirinha à beira da área de competição. Ficava na arquibancada. Mas desde cedo, naquele 1º de agosto, ele esteve comigo desde a pesagem.

**E chegou a blindá-lo de nós, da imprensa.**

Depois que saímos da pesagem, nós fomos para o refeitório tomar o café da manhã. Havia um grupo de jornalistas querendo uma entrevista. Eu havia lutado no penúltimo dia do judô. Até então, o Brasil não havia conquistado medalhas. Havia uma pressão da imprensa, da mídia, querendo entender por que ainda não tinha conquistado medalha. O professor me mandou para o quarto e disse que seguraria.

**Acha que ele fez bem?**

Parece ser uma coisa simples, mas é muito importante para o atleta. Ele tem que estar tranquilo para enfrentar um grande desafio dali a poucas horas, que é o início das competições. Ele (Paulo Wanderley) ficava sempre muito atento a tudo o que girava em torno do dia a dia do atleta. Isso era extremamente importante para que o judô brasileiro desse sequência naquele momento ao histórico de medalhas.



Fotos: Divulgação/CBJ